

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Opell ABC

Class.: 109

Data: 29.09.83

Pg.: _____

Índios fazem denúncia em visita a Sto. André

O Posto Indígena Gomes Carneiro, a 250 quilômetros de Cuiabá, no Mato Grosso, está sendo invadido por um fazendeiro conhecido como dr. Lucindo, que já cercou grande parte da área de 25 mil metros quadrados, dificultando o plantio e a caça por parte dos nativos. A denúncia foi feita ontem em Santo André por seis índios bororos, que estão na região a convite do Para-Clube ABC. Eles participarão da abertura do 1º Salão da Aeronáutica e Marinha Desportiva, dia 8 próximo, no Parque Regional Duque de Caxias, e nesse intervalo de tempo se apresentarão em cerca de 280 escolas do Grande ABC, mostrando danças típicas. Douglas Flor de Souza, presidente do Para-Club, lembrou que esta é uma das raras oportunidades que as crianças terão de conhecer o verdadeiro índio brasileiro.

O cacique Zé Upe, líder da tribo de Gomes Carneiro, afirmou que a invasão das terras demarcadas vem acontecendo gradativamente sem que qualquer providência seja tomada. "Até na estrada que dá acesso às nossas casas o fazendeiro nos proibiu de passar" – contou o índio Alvaro. Os bororos estão em Santo André acompanhados do engenheiro agrônomo Luiz Antônio Araújo, da Funai, mas este evitou falar sobre o problema, alegando não ter autorização.

Os bororos afirmaram ainda que terão problemas com o plantio este ano, principalmente pela falta de óleo diesel. Além do corte promovido pelo governo Federal, a cota que lhes é garantida pela Funai estourou há dois meses e eles estão com o único trator existente na tribo parado. Eles plantam arroz, milho e mandioca e atualmente vivem do que foi colhido no ano passado. Se a situação não for resolvida urgentemente, no próximo ano a situação ficará insuportável. O plantio deste ano deveria ter sido iniciado este mês, mas as previsões mais otimistas indicam que ele só poderá começar no final de outubro.

Caça e pesca

Além do problema com o plantio, os bororos vêm enfrentando dificuldades para a caça, devido a invasão. "Os pichos ficaram ariscos, e, como agente não pode passar da cerca, as flechas não alcançam" – diz o cacique Zé Upe, com a confirmação dos demais índios: Valentim, Dolô, Nivaldo, Joaquim e Alvaro.

A pesca é, sem dúvida, o meio de subsistência mais importante da tribo, e com ela não tem havido problemas, pelo menos até o momento. Mas os índios reclamam que só a pesca não é suficiente para sua comunidade, composta de 150 nativos, a maioria em idade adulta.

Eles produzem também artesanato, que vendem no centros urbanos, até mesmo Cuiabá, para comprar açúcar, alimento predileto na tribo.

Juruna

Indagado sobre o que acha do cacique-deputado, Mário Juruna, o índio Alvaro respondeu: "Por enquanto eu não acho nada. Ele nunca foi à nossa tribo". No entanto, se os bororos tiverem a oportunidade de se encontrar com Juruna, já têm suas reivindicações na ponta da língua: "Queremos espingardas calibre 22, balas e óleo diesel para o trator" – dizem em coro, lembrando que as armas são para caça. "Ah, queremos também um caminhão para transportar a colheita" – ressalta o índio Alvaro.

Além do Posto de Gomes Carneiro, existem índios bororos nas reservas de Tadariname e Podigala, ambas sob os cuidados da 5ª Delegacia Regional da Funai, que é responsável ainda pelas tribos de Umotina, Santana, Bakaeri, Parizi e Formoso, todas no Mato Grosso. A situação de todas as tribos é praticamente a mesma, ou seja, muitas necessidades e constantes ameaças de invasão.

É por isso que no dia 16 de outubro, domingo de encerramento da Feira da Aeronáutica e Marinha Militar, cerca de 300 motoqueiros sairão pelas ruas de Santo André arrecadando agasalhos e todo tipo de roupas para enviar a Gomes Carneiro, auxiliando em parte os bororos.

De verdade

Esta é a primeira vez que esses seis bororos saem do Mato Grosso. Eles chegaram de madrugada a São Paulo e logo pela manhã de ontem já estavam em Santo André para iniciar o circuito pelas escolas. Perto de 11h, pintados de vermelho com material extraído de plantas, vestidos com tangas de palha, cocares na cabeça, chocalhos e flauta de bambu nas mãos, eles entraram na primeira escola do roteiro, a EEPG Generoso Alves Siqueira, na avenida Dom Pedro I, em Vila Pires.

"É índio de verdade!" – exclamou uma menininha de aproximadamente 8 anos, que assistiu a todas as danças de boca aberta. "Eles não têm flecha?" – perguntou um garoto da mesma idade, enquanto os bororos executavam a dança do Sucuri. Depois eles mostraram a dança das Folhas, numa alusão ao fim do Outono, a Arueira e um ritual em homenagem aos mortos. De hoje até o dia 8 eles percorrerão perto de 280 escolas mostrando um pouco de sua cultura.